

FÁBIO SOMBRA



TRÊ
h
rias
ANEIRAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2024 - Objeto 3
Código da coleção:
0027 P24 03 01 000 000



SALAMANDRA



MODERNA

FÁBIO SOMBRA



TRÊS
histórias
PANTANEIRAS

Ilustrações do autor

1ª edição, 2022



SALAMANDRA

Edição de texto: Marília Mendes, Patrícia Capano Sanchez, Gabriel Kolyniak

Gerência de design e produção gráfica: Patrícia Costa

Coordenação de produção: Denis Torquato

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Camila Fiorenza, Bruno Tonel, Vinicius Rossignol Felipe

Capa: Camila Fiorenza, Bruno Tonel, Vinicius Rossignol Felipe

Coordenação de arte: Mônica Maldonado

Edição de arte: Jéssica Diniz

Editoração eletrônica: MRS Editorial

Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero

Revisão: Érika Kurihara

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Ana Isabela Pithan Maraschin, Denise Feitoza Maciel, Marina M. Buzzinaro, Vânia Maja

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Fabio Roldan, José Wagner Lima Braga, Marcio H. Kamoto, Selma Brisolla de Campos

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

É uma tradição dos textos modernos de cordel iniciar cada um dos versos dos poemas com letras maiúsculas. Essa forma, preferida pelo autor e por outros membros da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), foi a que escolhemos para utilizar neste livro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sombra, Fábio
Três histórias pantaneiras / Fábio Sombra ;
ilustrações do autor. -- 1. ed. -- Guarulhos, SP :
Salamandra, 2022.

ISBN 978-85-7568-151-0

1. Cordel - Literatura infantojuvenil I. Título.

22-127655

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Cordel : Literatura infantil 028.5
2. Cordel : Literatura infantojuvenil 028.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

SALAMANDRA EDITORIAL LTDA.

Rua Urbano Santos, 755 – Sala 2 – Jardim Castanha

Guarulhos – SP – Brasil – CEP 07182-320

Atendimento: Tel. (11) 3240-6966

2022

Impresso no Brasil

Dedico este livro

*aos verdadeiros contadores de causos pantaneiros,
gente como o seu Marcondes (in memoriam), seu
Perigoso, seu Benjamin, Carlão, sargento Rondon e a
tantos outros que contribuíram e contribuem para a
preservação e renovação dessa tradição secular.*

*ao incansável amigo, estudioso e professor Ricardo
Pieretti Câmara, que investigou a fundo a poética
dos causos pantaneiros e condensou sua pesquisa em
uma obra de valor inestimável.*

*aos amigos Guilherme Rondon, Daniel Rondon,
Claudia de Medeiros, Almir Sater e Ana Paula e aos
criadores e mantenedores do blog Cultura Caipira:
Douglas e Arlene, que, com carinho, me acolheram e
me guiaram em minhas descobertas.*

*à minha mãe, ao amigo José Jardim,
à Ângela Aranha e à Denize Carvalho.*



SUMÁRIO

Palavras do autor, 5

1. O encontro do boi Carvão com o vaqueiro
Zé Clemente, 7

2. Chico Couro e os jacarés, 28

3. O ovo do anu-preto, 41

O Pantanal e o pantaneiro, 61

Como surgiram as histórias deste livro, 63

Um cordel pantaneiro, 66

Autor e obra, 68

Uma viola e três histórias em versos, 70



PALAVRAS DO AUTOR

No ano de 2012, minhas viagens de pesquisa sobre a cultura popular brasileira me levaram pela primeira vez ao Pantanal do Mato Grosso do Sul. Fiquei encantado pela região, não só por sua natureza quase intocada, pela quantidade de animais e aves que avistei, mas também pela riqueza da cultura do povo que lá habita. Conversei com velhos peões, com “contadores de causos” e pessoas simples do povo e decidi na mesma hora que iria escrever uma série de contos ambientados naquele universo.

Desde então, retornei diversas vezes aos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, visitei fazendas, cavalguei léguas e léguas a cavalo, conduzi boiadas, pernoitei ao pé de fogueiras debaixo do céu estrelado, ao som de cantorias de violas, ouvindo causos de onças, assombrações e valentias das mais diversas.

Aos poucos começaram a surgir as histórias que estão neste livro. São causos que mostram um pouco da vida do homem pantaneiro e que eu gostaria de compartilhar com leitores do Brasil inteiro. Os tempos estão mudando e muitos destes costumes podem estar extintos em um futuro próximo. Hoje em dia, em muitas fazendas já encontramos peões que abandonaram seus cavalos e mulas, penduraram de vez seus arreios e partem de motocicleta para apartar o gado nos campos de pastagem.

Que fique então o relato do Pantanal que conheci e que jamais se apagará de minha memória.

Fábio Sombra





1

O ENCONTRO
DO BOI CARVÃO
COM O VAQUEIRO
ZÉ CLEMENTE



Vou pedir clareza aos céus
E uma ajuda especial
Pra contar em rima e versos
Esta história original,
Passada num tempo antigo
Nas terras do Pantanal.

Eu me chamo Sebastião,
Fui vaqueiro de valor.
Só que agora, já mais velho,
Encurvado e sem vigor,
Vivo apenas da minha lida
De violeiro e cantador.

Hoje à noite, com os peões,
Junto às brasas da fogueira,
Sob o céu limpo e estrelado
De uma noite pantaneira,
Vou puxar pela memória
Pra contar a história inteira:

Este caso teve início
Na Fazenda São Simão
Onde fui, por muitos anos,
Capataz do meu patrão
E assisti com os próprios olhos
A uma estranha situação.

A fazenda pertencia
Ao doutor Nonô Furtado
Fazendeiro de renome,
Homem rico e respeitado,
Que era dono de umas vinte
Mil cabeças de bom gado.

A boiada era **Nelore**,
Raça forte, de valor,
E os bois todos do rebanho
Eram brancos em sua cor.
Só que um dia viu-se algo
Curioso, sim senhor:

Os bezerros que nasciam
Pelos pastos no verão
Eram claros como leite,
Mas havia uma exceção:
Um escuro feito a noite,
Cor de asfalto e de **tição**.

Na hora em que o tal boizinho
Veio ao mundo, houve anarquia:
Brilhou sol à meia-noite,
Morcego voou de dia,
Um mudo saiu falando
E onça virou cutia.



Com uma estrela em sua testa,
O bezerro era invocado
E avançava contra todos
Que viessem pro seu lado.
Ganhou o nome de Carvão,
Ele assim foi batizado.

Com dois dias de nascido
Morre a mãe do bezerrinho
Mas a filha do patrão
Adotou-o com carinho
Dando mamadeira àquele
Jovem órfão tão pretinho.

E somente a esta moça
(Que Luzia se chamava)
O bezerro obedecia
E a presença tolerava.
Qualquer outro ser humano
Perto dele nem passava.

Ao crescer virou um novilho
Muito arisco e impaciente
Que peão nenhum laçava
Nem marcava a ferro quente.
Uma vez até tentaram
Mas Carvão foi mais valente:



Derrubou dez boiadeiros
E a porteira do curral.
Fez correr vinte cachorros
E, na confusão geral,
Deu chifrada, coice e chute
Com uma fúria sem igual.

Escapou do ferro em brasa
Por sua força e valentia.
E mais bravo ele ficava
À medida que crescia,
Só mostrando ser mansinho
Na presença de Luzia.

Ao chegar à idade adulta
Tinha a força de um leão,
Ligeireza de corisco,
Rapidez de furacão,
E vaqueiro não havia
Que enfrentasse o boi Carvão.

Eis que um dia na fazenda
Aparecem uns visitantes,
Três peões e dois ricaços,
Homens sérios, importantes,
Com chapéus de couro fino
E anelões de diamantes.



O mais velho dos grã-finos
Era um rico fazendeiro.
O mais moço era seu filho,
Um rapazinho encrenqueiro
Cujo nome era Antenor,
Profissão: futuro herdeiro.

O motivo da visita
Foi num instante revelado:
Pai e filho tinham vindo
Pra falar sobre o noivado
Entre a mocinha Luzia
E o rapaz endinheirado.

O pai dela concordava,
O pai dele já sorria.
Só quem não gostou da história
Foi a pobre da Luzia,
Pois seu coração de moça
Por outro rapaz batia.

Tinha ela um amor secreto
Pelo jovem Zé Clemente,
Cozinheiro da fazenda
Moço sério e obediente,
Embora não fosse rico,
Poderoso ou influente.

Ao saber do tal noivado
Luzia correu, então,
Pelo pasto até encontrar
Seu amigo, o boi Carvão.
Abraçada ao animal
Chorou muito (e com razão).

Uns minutinhos depois
Ela escuta, com temor,
Um tropel de cavaleiros
E na frente ia Antenor.
Luzia chorou mais forte
Ao ver seu perseguidor.

A chegada dos intrusos
Fez Carvão se arrepiar
E, bufando enraivecido,
O boi pôs-se a cavoucar
O chão mole com seus cascos
Numa cena de assustar.

Antenor vinha com os seus
Três peões bem ao seu lado;
Sobre a fama deste boi
Ninguém tinha lhe contado,
E o rapaz disse a Luzia
Com um sorriso debochado:





— *Minha amada, flor do campo,
Não se assuste, sou amigo.
Mas escute com atenção
Ouça bem o que lhe digo:
Queira sim ou queira não,
Você vai casar comigo!*

O boi preto bufou alto
Demonstrando irritação.
Antenor sorriu e disse:
— *Deixe estar, seu boi babão,
Que te amarro com meu laço
E te faço vir ao chão!*

O animal enfurecido
Avançou com rapidez.
Foi pra cima dos peões
Derrubando logo os três.
Antenor borrou-se todo:
— *Ai de mim, chegou minha vez!*

Vendo a sorte dos amigos
E temendo uma enrascada,
O rapaz virou o cavalo
Pra partir em retirada.
Neste instante o boi Carvão
Deu-lhe um coice e uma chifrada.

Pelos fundilhos da calça
Antenor foi levantado
E a um lamaçal imundo
Foi, com força, arremessado.
Tinha agora o pé torcido
E um olho preto e inchado.

Cavalgando o boi, Luzia
Num instante foi levada
Sã e salva até sua casa
Onde a história foi contada
Para o espanto do pai dela
E do pai do camarada.

Passados vinte minutos
Chegam os quatro cavaleiros
Com suas roupas barreadas
(Feito porcos de chiqueiros),
Aturando as gargalhadas
E os gracejos dos vaqueiros.

Antenor rangia os dentes,
Furioso e envergonhado.
E aos berros exigiu:
— *Quero ver no espeto, assado,
O boi preto que me fez
Passar este mau bocado!*



O pedido trouxe angústia
E entristeceu Luzia.
O pai dela, no entanto,
Por vergonha ou covardia,
Prometeu servir o prato
Que a visita lhe pedia.

A mocinha protestou
Mas o pai foi cauteloso.
Disse: — *Aceite, minha filha,*
Pois o bicho é perigoso.
Já me garantiram até
*Que tem parte com o **Tinhoso!***

Antenor ouvindo aquilo
Já foi dando uma risada.
Em suas mãos trazia uma
Machadinha bem afiada.
Só que os fatos se passaram
De maneira inesperada:

Presentindo o seu destino
Boi Carvão, desconfiado,
Disparou pela fazenda
Como um trem descarrilhado
A romper cercas de arame
(De fio liso ou de farpado).



Galopou por muitas horas
Pelos campos verdejantes
E correndo assim chegou
Às pastagens mais distantes
Esperando estar a salvo
Desses brutos visitantes.

Ele agora era um **baguá**,
Boi selvagem condenado
A viver longe dos homens
Sem curral e sem cercado,
Entre os jacarés e as onças
Num rincão ermo e isolado.

Na fazenda, enquanto isso,
Era grande a agitação:
Antenor organizava
Uma comitiva e então
Partiria pra dar cabo
Do atrevido boi fujão.

O rapaz jurou vingar-se
Do boi preto que o humilhara:
— *Quero ver esse atrevido
Fazer hora com a minha cara.
Voltarei com a sua cabeça
Espetada numa vara...*



A viagem poderia
Durar mais de um mês inteiro.
Nela iriam bons peões
E até o jovem cozinheiro
Zé Clemente com sua trempe,
Caldeirões e fogareiro.

Ao saber das verdadeiras
Intenções daquela gente
Luzia sentiu-se mal
E caiu muito doente.
Ela então fez ao seu pai
Um apelo comovente:

— *Meu paizinho, eu vou pedir
E você não vai negar.
Eu respeito sua vontade
E prometo me casar,
Mas somente com o vaqueiro
Que à fazenda retornar...*

*Com meu boi Carvão vivinho,
E não morto ou machucado.
Com o vaqueiro que o trouxer
Pelos chifres, bem laçado.
Este irá ser meu marido,
Meu esposo e meu amado!*

Vendo a filha tão doente
O pai dela concordou.
Antenor, aborrecido,
Reagiu e protestou
Mas não tendo alternativa
O desafio aceitou.



Em segredo então Luzia
Conversou com o Zé Clemente:
— *Contigo eu me casaria
Mais feliz e mais contente.
Então lace o boi e faça
Florescer o amor da gente!*

Satisfeito, o cozinheiro
Prometeu que tentaria.
E ao deixar o quarto ainda
Recebeu (por cortesia)
Um cordão porta-retrato
Com uma foto de Luzia.

Na manhã seguinte, enfim,
Despediu-se a expedição.
Antenor seguia à frente,
Logo atrás se viam, então,
Quinze peões, o cozinheiro
E eu mesmo, Sebastião.

Os peões eram os melhores
Da região do Pantanal:
Mané Borges, Anastácio,
José Bento e Juvenal.
Raimundinho, Zé da Onça,
Juarez e Lourival.

E mais outros sete bravos
Vinham o grupo completar:
Pedro Vítor, Chico Doido,
Jorge Dias e Gilmar,
Anacleto, Minervino
E o compadre Zé do Osmar.

Cavalgamos sete dias
Procurando o boi Carvão,
Até que um de nós o viu
A pastar num boqueirão.
O animal ficou furioso,
E se pôs em prontidão.

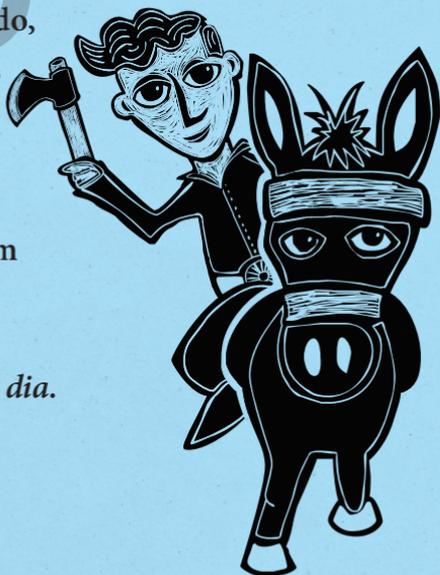
Preparamos nossos laços,
(Até mesmo o cozinheiro),
Apesar do rapazinho
Não ter pose de vaqueiro.
O confronto teve início,
Vou contá-lo por inteiro:

Já na primeira investida
Boi Carvão derrubou seis:
Anacleto, Minervino,
Chico Doido e Juarez;
Pedro Vítor e Zé do Osmar
Também foram dessa vez.

Um a um foram caindo
Os mais bravos e valentes.
O meu laço arrebentou,
Fui ao chão, perdi três dentes.
No final sobraram apenas
Os dois menos competentes:

Antenor e Zé Clemente,
O ricaço e o cozinheiro.
Só que o jovem endinheirado,
(Que era sujo e trapaceiro),
Escondera a machadinha
Em sua bota de vaqueiro.

Empunhando o aço, o jovem
Vitorioso se sentia.
E, virando-se pro boi,
Disse: — *Enfim, chegou seu dia.*
Eu me vingo ainda que
Não me case com a Luzia!





As palavras de Antenor
Irritaram o boi Carvão,
Que avançou contra o sujeito.
Só que nessa hora, então,
Zé Clemente aproximou-se
Do rapaz, com um caldeirão.

Concentrado em desferir
Sua mortal machadada,
Antenor não percebeu
A ação valente e ousada
E a panela, em sua cabeça,
Foi inteirinha enfiada.

Sem ver nada à sua frente
O ricaço esbravejou
E nem viu de onde veio
A chifrada que o lançou
A dez metros de distância
E que pronto o desarmou.

Boi Carvão olhou em volta
E só um homem em pé restara:
Justamente o cozinheiro
Que jamais com um boi lutara.
Para a última investida
O boi preto se prepara.

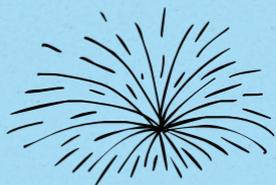
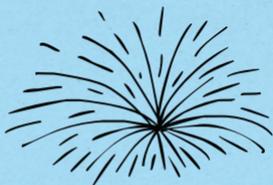
Sai bufando em disparada,
Numa louca correria,
Pra fazer em mil pedaços
Quem o enfrenta e desafia.
Eis que o boi avista a joia
Com o retrato de Luzia.

Pendurado no pescoço
Do rapaz José Clemente
Lá estava o cordãozinho
Com a foto em um pingente,
Lembrança que de sua amada
Recebera, de presente.

O boizão freou com força
A centímetros do moço,
Abaixou sua cabeça
E, sem luta ou alvoroço,
Zé Clemente pôs o laço
Calmamente em seu pescoço.

A visão daquela foto
Amansara o boi Carvão.
E os peões estropiados
Um a um voltaram, então.
Antenor trazia ainda
Na cabeça o caldeirão.





Com a força da chifrada
A panela se amassara
E agora só um ferreiro
Pra tirá-la de sua cara.
Uma operação difícil,
Delicada e muito rara.

Na viagem de retorno
Um bom tempo os peões gastaram
Com alguns já se esquecendo
Do vexame que passaram.
Eis que um dia, ao fim da tarde,
À fazenda eles chegaram.

Zé Clemente foi saudado
Com estouros de **rojão**.
Todos queriam abraçar
O **afamado** campeão:
O cozinheirinho humilde
Que amansara o boi Carvão.

Já Luzia disse assim
Ao seu futuro marido:
— *Eu mal posso acreditar
Que isso tenha acontecido.
O vencedor da disputa
Foi você, meu preferido!*

Antenor, os peões e o pai
(Cada qual mais humilhado)
Foram embora e o moço ainda
Tinha o caldeirão enfiado
Na cabeça, e isso o deixava
Furioso e contrariado.

Foi então que o padre Antônio,
Viajando em seu jumento,
Apareceu de surpresa
Justo ali nesse momento
E na mesma hora, então,
Celebrou-se o casamento.

Zé Clemente e a bela noiva,
Para o altar seguiram, então,
De uma forma curiosa
E até bela, por que não?
Ele montando um cavalo
E Luzia o boi Carvão.

A festança durou sete
Longas noites de folias,
Com violas, com sanfonas,
Com bailados, cantorias.
E o casal viveu contente
Pelo resto de seus dias.



Quanto ao boi: sumiu de vez
Logo após o casamento.
Alguns dizem que está vivo,
Livre e solto feito o vento.
Outros, que virou uma estrela
A brilhar no firmamento.

Assim se passou a história
De um valente ex-cozinheiro.
Sua lenda vive agora
Neste poema pantaneiro.
E, ao final da cantoria,
Se gostarem da poesia,
Deixem “algum” pro violeiro!

FIM



GLOSSÁRIO

Peões – Vaqueiros. Boiadeiros.

Capataz – Administrador da fazenda.

Nelore – Raça de bois muito comum na região do Pantanal.

Tição – Ponta de pau ainda acesa ou transformada em carvão.

Tropel – Vários animais de montaria galopando juntos.

Tinhoso – O Diabo. Demônio.

Baguá – Boi que escapou da fazenda e retornou ao estado selvagem.

Trempe – Suporte de metal em forma de tripé usado para cozinhar.

Boqueirão – Saída larga para um campo, depois de uma estrada estreita.

Estropiados – Feridos. Desconjuntados.

Rojão – Foguete.

Afamado – Famoso.

Firmamento – Céu estrelado. Abóbada celeste.

2

CHICO COURO
E OS JACARÉS



A vocês que sempre dizem
Que é lorota, que é mentira
Nesse mundo haver saci,
Pai da Mata ou curupira,
Vou contar agora um causo
Que ouvi da vó Bartira.

Antes vou me apresentar,
Sou o violeiro Sebastião,
Andarilho por destino,
Cantador por profissão,
Nascido no Pantanal,
Numa “véspra” de São João.

Minha infância foi passada
Nas terras da propriedade
Da minha vó, dona Bartira,
Que sabia de verdade
Mil causos de fantasia
E outros mil de realidade.

Ela tinha histórias de onça,
De saci, de alma penada,
De assombração, de reino,
De vaqueiro, de boiada
E os contava na varanda
Pra entreter a criançada.



Pois numa noite chuvosa
Desta terra pantaneira,
Estávamos reunidos
Ao redor de uma fogueira
Quando vovó disse: — *Escutem,*
Que esta história é verdadeira:

Nos meus tempos de menina,
Na fazenda São José,
Morava seu Chico Couro,
Homem brutalhão, sem fé,
Coureiro por profissão
Caçador de jacaré.

Seu Chico não tinha pena
De nenhum pobre animal:
Matava filhote e fêmea
Com brutalidade igual,
E dizia: — *Ainda acabo*
Com todos do Pantanal!

Pois pra mim jacaré é bicho
Que só presta de verdade,
Quando vira bolsa ou cinto
E outras peças de vaidade,
Pra dar luxo e boniteza
Às damas da sociedade.

Umás três vezes por ano
Chico ia pra caçada
Sozinho numa canoa
E puxando outra amarrada.
Despedia-se da mulher
E abraçava a filharada.

Levava carne, farinha,
Espingarda e munição.
Sal grosso pra conservar
Os couros e um bom facão,
Amolado em pedra lisa
Com capricho e perfeição.

Nas lagoas, sempre à noite,
Já chegava, confiante,
Alumiando os jacarés
Com uma lanterna possante.
Os olhos deles brilhavam
Feito pedras de brilhante.

Nesta hora o caçador
Entre os dois olhos mirava
E um tiro só, certo,
Com sua arma disparava.
O animal estremecia
E o caçador avançava.



Com o bicho às vezes vivo,
Dando pulo e rabanada,
Chico lhe arrancava o couro
(Sua faca era afiada)
E ali na mesma hora
Esta pele era salgada.

Já a carne do animal,
Apesar da qualidade,
Não valia grande coisa
E por isso, na verdade,
Lá ficava, apodrecendo,
Por ganância e por maldade.

Certa vez saiu o Chico
Pra caçar mais uma vez.
Avisou à esposa e aos filhos:
— *Volto só no fim do mês*
Com dinheiro e trago ainda
Uns presentes pra vocês.

Os três meninos, sorrindo,
Se despediram do pai:
Dizendo: — *Quem sabe agora*
Enricar você não vai?
Venda o couro e traga uns dólares
Verdinhos do Paraguai!

Pois assim era que o Chico
Em suas viagens procedia:
Com duas canoas cheias
De bons couros ele ia
Até o Paraguai remando
E sua carga lá vendia.

De manhã cedo partiu
O Chico para caçar
E já na primeira noite,
A sorte se fez notar:
Abateu mais de cinquenta
Jacarés sob o luar.

Na noite seguinte foram
Duzentos e vinte e seis.
Cento e trinta na terceira
E na quarta oitenta e três
O Chico dizia: — *Agora,
Encho os bolsos de uma vez!*

O homem numa semana
Tantos couros reuniu
Que as canoas quase estavam
Afundando e ele sorriu,
Dizendo: — *Cacei bastante,
Com certeza mais de mil!*



Ele então pôs-se a remar
Com cuidado, de mansinho,
Pelo rio Paraguai,
Sempre à noite em seu caminho
Rumo a um porto clandestino
Em nosso país vizinho.

Num dos trechos da viagem,
Cruzando uma mata escura,
As canoas foram vistas
Por alguém e a tal criatura
Era um ser forte e peludo
Com dois metros de estatura.

Era o velho Pai da Mata,
Um gigante assustador,
Das florestas guardião
E valente protetor.
A zelar pelos seus bichos
Com carinho e destemor.

Ao ver tantos couros secos
De jacarés abatidos,
O monstro soltou um rosnado
De revolta e deu rugidos.
Chico Couro estremeceu
E apurou logo os ouvidos.

Na escuridão da noite
Chico nadinha avistava,
Mas o Pai da Mata, este,
Tudo ali via e enxergava
E seu plano de vingança
Em silêncio arquitetava.



Usando um encantamento
Que aprendera com os pajés,
A criatura fez um passe
E ali, junto aos seus pés,
Surgiram na mesma hora
Quatro belos jacarés.

Um deles de idade adulta,
Três com porte de filhote.
Neste instante o Chico acende
Um farol (tipo holofote),
Que varre e ilumina a noite
Como se fosse um chicote.

De repente o facho para
Quando o Chico avista um cais.
Sobre ele estão deitados
Quatro jacarés e os tais
Parecem dormir tranquilos
E calmos, na santa paz.

O Pai da Mata tinha
Se escondido num capão
E notou que o Chico estava
Tomado pela ambição
De embarcar mais estes couros
Em sua frágil embarcação.

Pois assim se sucedeu,
Sem demora e sem “mais-mais”:
Chico deu tiros nos quatro
Bichos sobrenaturais
E partiu com sua faca
Pra esfolar os animais.

Ao se aproximar do adulto,
(O maior da bicharada),
Chico viu ali sua esposa
Abatida e ensanguentada.
Cercada pelos três filhos,
Sua família adorada!

Por artes do Pai da Mata
Essa gente havia agora
Sido morta pelo Chico
Eis que o pobre homem chora,
Gritando: — *Mas que desgraça,*
Ó, meu Deus, me leve embora!



Tomado pela loucura
E a dor de marido e pai,
Chico Couro vira os barcos
E sua rica carga cai
Inteira na correnteza
Do calmo rio Paraguai.

Só que, amigos, acreditem:
Esses couros ressecados,
Mal caíam n'água e eram
Um por um ressuscitados,
Retornando à forma de antes
De curtidos e salgados.

Os mil jacarés caçados
Reviveram e estavam agora
Se espalhando novamente
Pela natureza afora,
Só que houve um fato ainda
Mais incrível nessa hora:

Quando os animais já tinham
Se afastado em debandada,
Chico Couro viu sua esposa
Levantar, ressuscitada,
E seus três filhos queridos
Vivinhos, dando risada.



Chico corre a abraçá-los
Quase mudo de emoção
E agradece aos céus por ter
Aprendido uma lição.
Uma canoa desvira
E todos embarcam, então.

Chico Couro e sua família
(Amigos, vou lhes contar)
Levaram três longos dias
Remando de volta ao lar.
Chegaram de tardezinha
Pouco antes do jantar.

Aos vizinhos e amigos
Da fazenda São José
Contaram sua aventura
E o Chico jurou com fé
Que nunca mais mataria
Em sua vida um jacaré.

E cumpriu sua promessa
Sempre honrando o que foi dito:
Até o dia de sua morte,
Anos depois, em Bonito,
Seu Chico jamais matou
Bicho algum (nem um mosquito).

Vendo isso o Pai da Mata
Muito se alegrava e ria,
Pois sua lição tivera
Resultado e serventia,
Com o temível caçador
Perdendo sua valentia.

Amigos, assim é o causo
Que ouvi da vó Bartira.
Não garanto ser verdade,
Nem afirmo que é mentira,
Pois eu mesmo nunca vi
Pai da Mata ou curupira.

Mas aceito de bom grado
Qualquer contribuição,
Pois cantar é minha sina,
Meu ofício e ganha-pão.
Façam, pois, um gesto nobre
Deixando cair um cobre
Na palma da minha mão.

FIM



GLOSSÁRIO

Pai da Mata – Criatura do folclore do Pantanal. Protetor das matas e dos bichos.

Causo – Caso. História curta.

Véspra – Véspera. Dia anterior.

Enricar – Enriquecer.

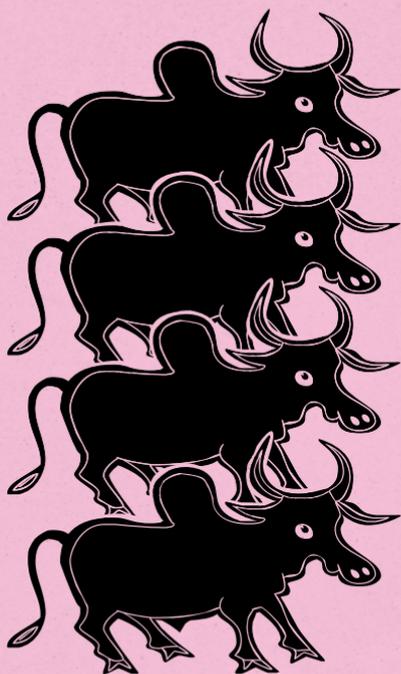
Pajés – Sacerdotes indígenas.

Capão – Peçaço de mata fechada cercado por campos abertos.

3

O OVO DO
ANU-PRETO





Para quem não me conhece
Eu me chamo Sebastião.
Sou violeiro e cantador,
Mas há tempos fui peão.
Levando bois e boiadas,
Já cruzei todo o sertão.

E hoje aqui, junto à fogueira,
Nesta noite enluarada,
Vou ponteando minha viola
Pra contar à peonada
Um enredo impressionante
Em poesia bem rimada.

É um caso curioso,
Nem mineiro, nem cearense.
Uma história de vaqueiros
Assombrosa e de suspense
Que ouvi no meu querido
Pantanal Mato-grossense:

Certa vez um fazendeiro
Vendeu só de uma tacada
Dois milheiros de novilhos
E, em seguida, essa boiada
Ao seu novo proprietário
Precisava ser levada.

Uma viagem como esta
Não é coisa pra criança:
Nela iriam dez vaqueiros
Da fazenda Barra Mansa
E mais cinco de outras bandas,
Homens bons, de confiança.

Dentre os dez da propriedade
Tinha um que era afamado:
Vitorino, um boiadeiro
Competente e respeitado
Por também tocar viola
E cantar sempre afinado.

Nas viagens, à noitinha,
No descanso dos peões,
Vitorino os divertia
Com toadas, com canções
E ponteados de viola
Que alegravam os corações.

Ele tinha o riso aberto,
Mas gabava-se, orgulhoso:
— *Com a viola, nessas bandas,
Não tem outro mais famoso!*
E ai de quem não concordasse
Com o violeiro presunçoso.



Eis que, enfim, para a viagem,
Reuniram-se os vaqueiros.
Os dez homens da fazenda
E os tais cinco forasteiros.
Onze bravos a guiar
Bois tão jovens e ligeiros.

Dos peões recém-chegados
O mais novo era um magrinho.
Inocência era o seu nome
E trazia em seu burrinho
Um acordeão surrado
E de cor vermelho-vinho.

Apesar da pouca idade,
Inocência era um vaqueiro
Dedicado, atencioso,
Prestativo e companheiro.
Sua simpatia logo
Cativou o grupo inteiro.

Eis que já no fim do dia
(O primeiro da jornada),
Logo após todos jantarem
E baterem o pó da estrada,
Alguém pede ao Vitorino
Uma moda bem tocada.

Ele imediatamente
Deu início à cantoria
Recitando com a viola
Belos trechos de poesia.
Tocou modas e **guarânias**
Que aqueceram a noite fria.

Vitorino, como sempre,
Seu talento demonstrou.
Só que, mais pro fim da noite,
Um dos homens se lembrou
De Inocência, o rapazinho,
E a ele perguntou:

— *E você, meu companheiro,
Também vai se apresentar?
Pegue lá seu instrumento
E nos mostre o seu cantar.
Ou será que sua sanfona
É só dessas de enfeitar?*

Até o próprio Vitorino
Disse: — *Vá, camaradinha,
Toque aqui pra turma ouvir
Uma moda ou uma valsinha.
Vamos ver se a sua fama
Chega mesmo aos pés da minha!*





Inocência, encabulado,
Quis fugir da situação
E avisou: — *Só toco mesmo*
O “*arrozinho com feijão*”:
Uma nota aqui e ali,
Sem firmeza e afinação...

Mas diante dos apelos
Da insistente peonada
O rapaz foi e buscou
A sanfona empoeirada.
Ao olhar para o instrumento,
Vitorino deu risada:

— *Que sanfona velha é esta*
Carcomida de cupim?
Deste fole não sai som,
Se sair vai ser ruim.
Coitado do sanfoneiro
Que toca num traste assim!

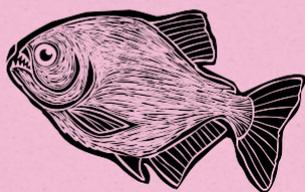
A provocação foi dura,
O rapaz ficou magoado.
E em resposta deu início
A um difícil *rasqueado*
Tirando de sua sanfona
Um som limpo e aveludado.

Os seus dedos, pelas teclas,
Corriam com precisão
Numa rapidez incrível
De assustar qualquer cristão.
E os peões, impressionados,
Aplaudiram a exibição.

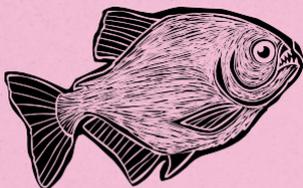
Em seguida Inocêncio
Demonstrou ser bom cantor:
Relembrou velhas toadas
E umas dez canções de amor.
Sua voz era agradável,
Tinha o timbre de um tenor.

Vitorino então pensou:
Vejam só, mas que enrascada!
Pois não é que o “perna fina”
Não fez feio na empreitada?
E o pior é que a minha fama
Foi por ele ameaçada...

Ao ouvir mais uma onda
De aplauso e de assovio,
Vitorino disse ao jovem:
— *Você canta desafio?*
Inocêncio respondeu:
— *Se você quiser, meu tio...*

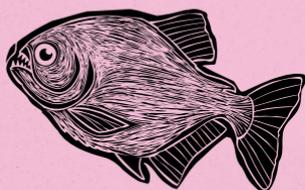


Frente a frente os dois estavam
Como galos numa **rinha**,
Com a plateia ao seu redor
Muito bem comportadinha.
Vitorino, então, de cara,
Foi lançando uma adivinha:



VITORINO

Inocência queira agora
Destrinchar esta charada
E calcule quantos pés
(Diga lá, meu camarada),
Têm um peão, sua **montaria**
E os mil bois de uma boiada?



INOCÊNCIA

Pois são QUATRO MIL E SEIS,
Eu respondo, companheiro:
Quatro mil pés da boiada
Com mais dois do boiadeiro.
Ponha os quatro do cavalo,
E o total será certo!

VITORINO

Inocência então me diga
Se for mesmo o maioral:
Quantos peixes vivem hoje
Nas águas do Pantanal?
Quero a conta inteira e exata
Sem faltar um só animal.

INOCÊNCIO

A resposta eu te darei,
Basta só você enxugar
Cada rio e cada poça
Até o Pantanal secar.
Só assim os peixes todos,
Um por um eu vou contar.

VITORINO

Já vi que você não é besta,
Mas entenda, por favor:
Com poesia eu te atropelo,
Tenho o peso de um trator.
Pra aprendiz eu não dou trela,
Pois sou mestre e professor!

INOCÊNCIO

Vitorino não se gabe,
Cantoria é minha sina
E um aviso vou te dar,
Pense nisso e se previna:
Professor também aprende
E aprendiz também ensina.

VITORINO

Baixei a bola magricelo
E respeito o meu cantar.
Quando flor não der perfume
E gambá se perfumar,
Vai nascer um sanfoneiro
Que possa me derrubar.





INOCÊNCIO

E eu te digo, Vitorino:
Quando santo for ladrão,
Quando o sol raiar de noite
E coqueiro der limão
Vem ao mundo um violeiro
Que me faça vir ao chão.

VITORINO

Pois então, seu atrevido,
Eis a prova derradeira:
Quero ver rimada em versos
(Em poesia verdadeira)
Uma lista dessa nossa
Bicharada pantaneira...

INOCÊNCIO

No Pantanal tem piranha,
Curicaca e tuiuiú.
Ema, onça e jacaré,
Anta, lontra e urubu.
Tem tucano, sucuri,
Capivara e caititu...

Carcará, fumaça e belo
São três tipos de gavião.
Biguatinga e garça-moura
Vão pescar no ribeirão.
Já o bugio e a arara-azul
Lá nos galhos sempre estão...

Tem queixada e ariranha,
Seriema e pica-pau.
Veado-campeiro e paca,
Papagaio e cardeal.
Ouriço-cacheiro, irara,
E gato-do-pantanal...

Tem jaguatirica e, é claro,
Tem tamanduá-bandeira,
Mas se eu fosse continuar
E cantasse a lista inteira,
Eu gastava de segunda
Até o fim da sexta-feira!

Os peões ouvindo aquela
Talentosa exibição
Aplaudiram entusiasmados
E gritaram: — *O campeão*
Da disputa é o Inocêncio,
Não tem choro, nem perdão!

Vitorino estava agora
Tão furioso e envergonhado
Que guardou logo a viola
E saiu sem ser notado.
Estendeu sua rede e nela
Ficou quietinho, deitado.



Ao final da cantoria
Os peões foram dormir.
Vitorino só pensava
No que faria a seguir.
E este plano de vingança
Logo iremos descobrir.

Lá por volta da meia-noite,
(Como havia planejado)
Vitorino aproximou-se
Bem de leve e com cuidado
Da bruaca onde o rapaz
Tinha a sanfona guardado.

Em suas mãos o malfeitor
Um ovo de anu trazia
Pra quebrá-lo na sanfona
E fazer a simpatia
Que aprendera com uma dona
Entendida em bruxaria.

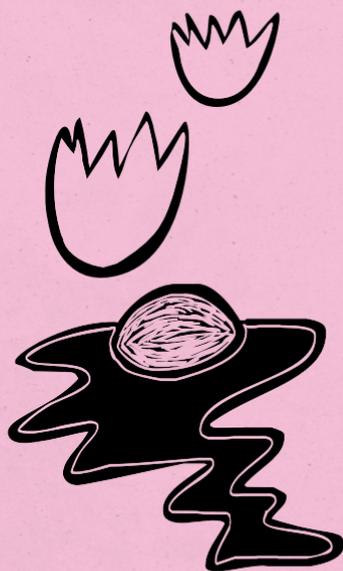
É mandinga poderosa
E é assim que ela funciona:
Quebre um ovo de anu-preto
Entre as teclas da sanfona
Deixe a clara e limpe a gema
Com um paninho ou com uma lona.

Quando a clara estiver seca
A maldade principia:
A sanfona fica rouca
E o seu dono, por magia,
Perde a força e nunca mais
Quer saber de cantoria.

Pois enquanto o tal feitiço
Não puder ser anulado
O sanfoneiro se torna
Cada vez mais fracassado.
Vira um trapo, um morto-vivo
Um boneco **esmulambado**.

Vitorino abriu a trouxa
Com a sanfona lá, guardada,
E pensou: meu servicinho
Vai ser mesmo uma barbada.
Inocência vai penar,
O feitiço é da pesada!

O silêncio dominava
O acampamento inteiro.
Vitorino preparou-se
Para o gesto traiçoeiro,
Nesse instante uma voz rouca
Disse: — *Esperre, companheiro!*



O violeiro então virou-se,
Assustado toda vida,
E avistou uma senhora
Muito idosa e envelhecida,
Que o mirava com firmeza
E expressão aborrecida.

A velha apontou-lhe um dedo
Muito magro e ressecado
E disse: — *Quem lhe deu ordem
Pra mexer neste guardado?*
O violeiro gaguejou
E mentiu, envergonhado:

— *Eu só estava curioso
Pra sanfona investigar
E saber como é que faz
Inocência pra tirar
Dela o som maravilhoso
Que hoje pude apreciar.*

Em sua mão fechada, agora,
O ovinho ele escondia
E a mulher (essa enxerida),
Vitorino a maldizia.
Eis que a velha então lhe ordena
Com sua voz cortante e fria:



— *Quem só mexe no que é seu
É sabido e morre idoso.
Então volte pra sua rede
Antes que me dê um nervoso,
Pois no inferno o que não falta
É lugar pra curioso!*

Ao ouvir estas palavras,
Vitorino se assustou
E, com as pernas bambeando,
Ele, aos poucos, recuou.
Mas um fato o intrigava
E ele à velha perguntou:

— *A senhora, de onde veio?
Onde fica sua morada,
Se aqui perto não há vila,
Nem cidade, nem estrada?
O que faz no acampamento
Nessa escura madrugada?*

A mulher lhe respondeu:
— *Sou ave que não tem ninho.
Seja dia ou seja noite,
Em qualquer trilha ou caminho,
Estarei sempre a zelar
Pelo bem do meu netinho.*

— *É avó do Inocêncio?*
Vitorino disse, então:
— *Mas, por que tanto cuidado*
E tanta dedicação?
Me destrinche isso direito
E me dê uma explicação!

— *Nos meus dias de velhice*
Eu vivia abandonada
E era ele, este meu neto,
Que acudia e me ajudava,
Que rachava minha lenha
E minha horta capinava.

Toda noite me trazia
Caldo e sopa de galinha
E passava muitas horas
Ao meu lado, sorte a minha,
Me encantando com seu canto
E o toque da sanfoninha.

Inocêncio, com estes gestos
De carinho e atenção
Tantas alegrias deu
Ao meu fraco coração
Que prometi protegê-lo
E guardá-lo, desde então.

*É por isso que aqui estou
E o senhor não vai mexer
No instrumento do rapaz,
Nem feitiço vai fazer.
Pois jurei jamais deixar
Mal algum lhe acontecer.*

Ao ouvir estas palavras,
O violeiro dá pra trás,
Mas a última pergunta
Vitorino ainda faz:
— *A senhora há quanto tempo
Vem protegendo o rapaz?*

A velhinha o encarou
Murmurando em tom bem sério:
— *Meu netinho eu acompanho
(Digo isto, sem mistério),
Desde o dia em que, já morta,
Fui morar no cemitério.*

Ao dizer isto sumiu,
Virou névoa num segundo,
Diante do violeiro
Cujo espanto era profundo
Ao saber que conversara
Com uma alma de outro mundo.



Ele então saiu gritando,
Feito um louco, apavorado,
Galopando pelos campos
Com destino ignorado.
E até hoje Vitorino
Nunca mais foi avistado.

Os peões seguiram em frente
Com cuidado e segurança.
Entregaram os bois e o jovem
(Com a sanfona na mudança)
Foi chamado pra morar
Na fazenda Barra Mansa.

Inocência era querido
E por todos respeitado
Por tocar tão bem e ainda
Por saber lidar com o gado.
Até hoje entre os vaqueiros
O seu nome é recordado.

E pra onde quer que fosse,
Em suas lidas no sertão,
Pelo resto de sua vida
De cantador e peão
A alma da avó lhe dava
Companhia e proteção.

Foi assim que aconteceu
Este caso pantaneiro.
Sendo ele fantasioso
Mentiroso ou verdadeiro,
Deixo a todos um recado:
Quem puder bote um trocado
No chapéu deste violeiro.

FIM



GLOSSÁRIO

Ponteando – Dedilhando. Tocando com as pontas dos dedos.

Peonada – Reunião de vaqueiros. Grupo de peões.

Moda – Canção doce e melodiosa, que geralmente conta uma pequena história.

Guarânia – Ritmo de música originário do Paraguai e muito popular no Pantanal.

“Arrozinho com feijão” – Expressão que se refere a algo simples, sem muitos enfeites.

Rasqueado – Ritmo de música que exige grande destreza para ser executado.

Empreitada – Tarefa. Serviço combinado.

Rinha – Arena para brigas de galos.

Destrinchar – Resolver. Explicar.

Montaria – Animal de sela.

Dar trela – Dar atenção. Respeitar.

Derradeira – Final. A última.

Bruaca – Mala grande de couro, geralmente transportada em lombo de mulas.

Mandinga – Feitiço.

Esmulambado – Esfarrapado.

O PANTANAL E O PANTANEIRO

O Pantanal consiste em uma imensa planície alagável localizada entre os estados brasileiros do Mato Grosso (ao norte) e Mato Grosso do Sul. São milhares de quilômetros quadrados cortados por rios que — mais ou menos entre os meses de novembro e março — transbordam e alagam grandes quantidades de terras e pastagens. Esse ciclo de cheias, vazantes e secas criou um ambiente único, riquíssimo em vida selvagem e com pouca ocupação humana. Nas fazendas da região, homens e mulheres pantaneiros aprenderam a conviver com a criação extensiva de bois e a presença constante dos animais e aves da fauna local. Entre estes, alguns se tornaram personagens tradicionais nas histórias e no folclore pantaneiro, como as onças, os jacarés, as cobras sucuris e as temidas piranhas, encontradas em todos os rios do Pantanal.

Já os pantaneiros — habitantes da região — são pessoas de fala mansa e riso contido. Habitados ao rigor da vida ao ar livre, conhecem os segredos e hábitos dos animais e das plantas que os rodeiam. Nos finais de tarde, costumam se reunir em rodas de conversas enquanto vão passando de mão em mão um copinho feito de chifre de boi contendo erva-mate e — ao contrário do que preferem os gaúchos — água gelada. Esta bebida refrescante é o tereré. Nas rodas de tereré é que costumam surgir os causos mais impressionantes e os relatos mais pitorescos. Histórias de onças, de assombrações e de tesouros enterrados não faltam nunca!



COMO SURGIRAM AS HISTÓRIAS DESTE LIVRO

O encontro do boi Carvão com o vaqueiro Zé Clemente

Em todas as regiões do Brasil onde existe criação de gado bovino encontramos histórias ligadas a algum boi lendário, encantado ou fora do comum. São as histórias do chamado ciclo do boi. No Nordeste brasileiro, algumas destas lendas ganharam as páginas dos folhetos de cordel e se transformaram em clássicos, como a *História do boi Misterioso*, recontada pelo mestre cordelista Leandro Gomes de Barros. Em minhas viagens de pesquisa no Pantanal, no entanto, não encontrei muitos relatos deste tipo na região e resolvi inventar o meu próprio enredo baseado em uma foto que tirei de uns novinhos em um pasto.

Os boizinhos eram todos brancos e entre eles pastava um de cor totalmente diferente dos outros. Na mesma hora, a história começou a ganhar corpo e, ainda montado no cavalo, comecei a fazer um esboço do texto em meu caderninho de anotações.

Chico Couro e os jacarés

No Pantanal, histórias como essas são muito comuns. São os chamados causos de exemplo, onde, ao final da narrativa, um personagem aprende uma lição que transforma sua vida.

Em “Chico Couro e os jacarés”, criei uma situação que aborda um problema muito sério na região: a caça ilegal. Para conhecer os detalhes dessa atividade, conversei e gravei horas e horas de relatos de um ex-caçador de jacarés regenerado, que hoje trabalha como guia de turismo ambiental em um hotel-fazenda próximo ao Rio Miranda, no Mato Grosso do Sul. Nesta história, inseri também um mito muito popular na região do Pantanal da Nhecolândia, que é o Pai da Mata, uma criatura que age como guardião e protetor da natureza e dos animais.

O ovo do anu-preto

No Pantanal, também não faltam histórias de assombração. Esta aqui é uma variante pantaneira de um caso que eu já tinha ouvido em outras regiões do Brasil. Só que em “O ovo de anu-preto” a história ganha características próprias, envolvendo a rotina das antigas comitivas de boiadeiros, um feitiço que ouvi de um sanfoneiro em Corumbá (MS) e um desafio poético onde os nomes dos animais e aves pantaneiras se amontoam em versos e rimas.

UM CORDEL PANTANEIRO

As três histórias contadas neste livro foram escritas em versos rimados e estrofes de seis versos (sextilhas) como nos tradicionais folhetos de cordel, que eram vendidos em feiras, pendurados em barbantes e, até a década de 1970, eram quase somente encontrados nos estados da região Nordeste do Brasil. Com o tempo, este tipo de literatura popular se espalhou pelo país e chegou aos grandes centros urbanos. Os folhetos antigos, impressos em papel barato, em preto e branco, ganharam nova apresentação, com livros coloridos e edições caprichadas que hoje em dia fazem sucesso também entre o público infantil e juvenil.

Desde a infância, fui um grande leitor e colecionador de folhetos de cordel. Mais tarde, quando me tornei escritor, descobri que contar histórias em forma de versos é uma maneira

muito leve e divertida de dialogar com os leitores. Desta forma, já contei histórias de várias regiões do Brasil e também adaptações de contos populares da Europa e da África. Ou seja, o cordel hoje ganhou o mundo, e neste livro é possível ver como ele se adapta perfeitamente aos causos pantaneiros.



AUTOR E OBRA

© ARQUIVO DO AUTOR



Fábio Sombra é escritor, ilustrador e pesquisador da cultura popular brasileira. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1965 e é lá que ainda vive. Suas obras para crianças e jovens geralmente abordam temas da cultura popular brasileira, como folias de reis, desafios em versos e cantorias de viola. Seus livros *A lenda do violeiro invejoso* (2005) e *Vladimir e o navio voador* (2013) foram premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) com os selos de “Altamente recomendável para o jovem”. Fábio Sombra é membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e nas horas vagas se dedica a tocar seu instrumento preferido: a viola de 10 cordas.

UMA VIOLA E TRÊS HISTÓRIAS EM VERSOS

Ricardo Chaves Prado

Às vezes, o talento de uma pessoa é tão evidente que desde pequeno todos identificam aquela vocação. Em outras, ele pode estar escondido em meio a outras aptidões e demora a aparecer – e, muitas vezes, só vem por obra do acaso. No caso do ilustrador e escritor Fábio Sombra, se a habilidade para desenhar tudo o que visse pela frente surgiu desde pequeno, o talento para escrever histórias em versos rimados viria bem mais tarde. E esse talento veio à tona também por causa da sua habilidade de desenho, quando recebeu uma encomenda para ilustrar um livro.

“Era a história de Aladim e a lâmpada maravilhosa, recontada em versos de cordel pelo grande poeta Patativa do Assaré. Ao final, fiquei tão encantado que resolvi começar a escrever e a ilustrar meus próprios livros. Desse dia em diante, não parei mais”, conta o ilustrador que, um dia, quase sem querer, se descobriu escritor. E o “não parei mais” usado por Fábio não é força de expressão: de 2005 para cá, ele já publicou quarenta livros, tendo vendido mais de 250 mil exemplares. Também ganhou diversos prêmios de prestígio, como o Selo Altamente Recomendável dado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2006 para *A lenda do violeiro invejoso* (Rio de Janeiro: Rocco, 2005) e em 2014 para *Vladimir e o navio voador* (Belo Horizonte: Abacatte, 2013).

No entanto, esse encontro do talento para versificar com a vocação de escritor só se deu em 2004. Antes disso, Fábio Sombra, que nasceu no Rio de Janeiro em 1965, se formou em Direito e trabalhou muitos anos como guia turístico. Graças a esse emprego, que costuma atrair pessoas que, como ele, gostam

de viajar, conheceu diversos países, como Hungria, Rússia, República Tcheca, Polônia, Áustria e muitos outros, enquanto continuava a desenhar, pintar e realizar exposições, no Brasil e no exterior.

Assim, enquanto matava sua sede de mundo, conhecendo e muitas vezes desenhando as paisagens e costumes de outros povos e lugares, Fábio Sombra foi espalhando seus quadros por coleções particulares e em museus do Brasil, da França (Nice), de Portugal (Guimarães) e da Alemanha (Boenighein). Até que surgiu aquele convite para ilustrar o livro do poeta repentista Patativa do Assaré, projeto que proporcionou o encantamento com a literatura de cordel e despertou a vontade de escrever seus próprios livros. Com a grande vantagem de que não precisaria ir atrás de quem pudesse ilustrar suas histórias, já que o desenhista estava ali, havia anos, só esperando o escritor surgir.

Histórias e viola

A lenda do violeiro invejoso, o primeiro livro publicado por Fábio Sombra, em 2005, reuniria duas paixões do escritor: as estrofes rimadas de seis versos, características da literatura de cordel e também presentes na obra de Patativa do Assaré, e a viola, instrumento que aprendeu a tocar e com o qual costuma se apresentar, na melhor tradição dos repentistas nordestinos. Ele se lembra de ter visto na infância alguns desafios, ou repentes, que são as disputas de versos entre violeiros, nas longas temporadas passadas na fazenda de sua tia-avó Maria do Rosário, no interior de Minas Gerais. “Foi neste local de sonho que passei muitas férias, aprendi a andar a cavalo, a pescar, a nadar em córregos e, principalmente, aprendi a gostar de ouvir e contar histórias à noite, ao pé de um fogão a lenha”, conta Fábio.

O gosto pelas histórias narradas no sítio o levaria, ainda nos tempos de escola, a descobrir e começar a consumir

avidamente os livrinhos em versos da chamada literatura de cordel, que na década de 1970 já eram vendidos no Rio de Janeiro, especialmente para matar a saudade dos migrantes nordestinos das histórias que, no Nordeste, são ouvidas nas feiras livres, sempre acompanhadas pelo som da viola.

Apaixonado pela cultura popular, Fábio Sombra começou a fazer muitas viagens pelo interior do Brasil entrevistando pessoas, documentando festas, danças, cantos e histórias que fazem parte do folclore e que, muitas vezes, estão esperando alguém que as transporte do mundo das histórias faladas para o mundo das histórias escritas. Em 2007, por exemplo, foi até o sertão de Minas Gerais, na região do Rio Urucuia, em busca de diferentes versões da lenda do Caboclo D'Água. De viagens exploratórias como esta resultariam livros como *Curupiras, sacis e outras criaturas fantásticas das florestas* (Rio de Janeiro: Rocco, 2009), *Folia de Reis, a festa em cordel* (Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011) e *Maracatu, a festa em cordel* (Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011). Ou este *Três histórias pantaneiras*, que foi escrito depois de uma temporada de muita conversa e escuta de histórias na região do Pantanal Mato-grossense. O escritor também verteu para o cordel duas histórias muito conhecidas da mitologia grega: *A Guerra de Troia em versos de cordel* (São Paulo: Melhoramentos, 2015) e *As aventuras de Ulisses em versos de cordel* (São Paulo: Melhoramentos, 2016).

E, se depender da disposição de Fábio Sombra, muitas outras histórias ainda ganharão suas versões na tradição daqueles primeiros poetas cantadores que, de povoado em povoado, reuniam as pessoas e passavam adiante lendas, narrativas épicas e histórias de amores impossíveis, que existem desde tempos imemoriais. Ou, resumindo o ofício de cordelista na voz do próprio autor e na forma preferida, em seis versos bem rimados e ritmados:

*Conto histórias de pejejas
Em desafios rimados
Onde os bons poetas vencem
E os vilões são derrotados
Sendo o amor e a justiça
Muito bem recompensados.*

Trovadores medievais

A literatura de cordel tem origem nos trovadores e menestres dos tempos medievais na Europa que, desde o século XII e XIII, viajavam pelos povoados da França, Itália, Espanha e Portugal contando histórias, suas e de outros autores. Era uma época em que a maior parte da população era analfabeta. Assim, a principal forma de disseminação das narrativas era por meio dos contadores de histórias, que geralmente se aproveitavam das feiras semanais para ganhar algum dinheiro fazendo apresentações e, depois, passando o chapéu para recolher as moedas do público. A forma versificada e rimada das histórias facilitava a memorização, tanto por parte dos trovadores quanto por parte dos ouvintes. Aqueles com boa memória poderiam passar a história adiante, muitas vezes acrescentando novas estrofes e acontecimentos, e assim se criavam os novos contadores de histórias.

Essa é uma tradição que remonta à Grécia Antiga, com os rapsodos, como eram conhecidos os artistas populares que percorriam as cidades-estados recitando poemas. A diferença é que os rapsodos declamavam suas narrativas, que podiam ser bem longas, sem o acompanhamento de um instrumento. Já as histórias dos menestres e trovadores medievais eram sempre acompanhadas de música, que podia vir de instrumentos como

a flauta, a lira ou a harpa, em ambientes mais sofisticados, ou, nas apresentações populares, de um antecessor do violino, a rabeca, e do alaúde, um instrumento de corda com o corpo em forma de pera, parente do violão e da viola. Uma variação desta última chegaria aos estados do Nordeste brasileiro a partir do século XVIII, como principal instrumento de acompanhamento usado pelos repentistas nas feiras de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Os trovadores e menestréis da época medieval narravam de acontecimentos políticos a histórias de santos e heróis, podendo às vezes, dependendo da plateia, escolher temas cotidianos ou histórias engraçadas, que pudessem interessar a todos. Eles usavam uma linguagem simples, acessível a todos e, muitas vezes, recorriam ao humor e à ironia. A diferença entre trovadores e menestréis era que os primeiros eram contadores de história vindos da nobreza, sendo recebidos nos salões dos palácios, enquanto os menestréis eram os artistas populares que se apresentavam nas feiras livres. Esse estilo de conto popular que se difundia por meio dos trovadores e menestréis ficou conhecido como trovadorismo e é considerado a primeira manifestação literária da língua portuguesa.

Livros em cordéis

Com o surgimento da imprensa no século XV, ocorrido durante o período conhecido como Renascença, as histórias antes apenas contadas passariam a ganhar versões impressas. Eram os chamados cancioneiros, que foram os primeiros livros a registrar as narrativas orais. Por meio deles, diversas histórias e lendas foram disseminadas por todo o continente europeu. Na medida em que mais casas publicadoras surgiam e os livros, revistas e jornais se tornavam mais acessíveis, a impressão de

pequenos livros com narrativas da tradição oral surgiu como mais uma oportunidade de ganho para os artistas populares. Na época em que essas primeiras publicações de caráter popular chegaram a Portugal, eram expostas nas feiras em cordas, que lá eram chamadas de cordéis, para que o público fosse atraído pelas capas, geralmente ilustradas com xilogravura, um estilo de gravura que usa matrizes feitas em madeira. Vem daí o nome literatura de cordel.

No cordel, existem três formatos consagrados de estrofação: com dez, oito ou seis versos. No caso das estrofes de seis versos (sextilhas), a rima é feita na segunda, na quarta e na sexta linhas – como você pode conferir nas três histórias que compõem este livro de “causos” do Pantanal Mato-grossense. Os repentistas gostam de recitar seus versos de forma melódica e cadenciada, mas muito bem articulada, para que todos na plateia consigam acompanhar o desenlace da história sem perder nenhum detalhe. Também fazem parte dessa tradição os desafios, quando dois poetas duelam, em versos, como se fosse uma discussão na qual a única arma é a rapidez de raciocínio e o objetivo é nunca perder a rima, jogando o desafio para o adversário. Um exemplo de desafio em cordel pode ser observado na terceira história deste livro, “O ovo do anu-preto”.

Inspiração para escritores

Leandro Gomes de Barros (1865-1918) é considerado o primeiro cordelista brasileiro. Pernambucano, era dono de sua própria gráfica e dela saíram, a partir de 1906, mais de 240 histórias, que se espalharam pelas cidades grandes e pequenas do Nordeste, levadas adiante pela interpretação e improviso dos repentistas e suas violas. Estima-se que seus livros tenham vendido cerca de 3 milhões de exemplares. Por isso, o estudioso do

folclore Luís da Câmara Cascudo considera Leandro Gomes de Barros o mais lido dos escritores populares. Duas de suas histórias mais famosas, *O testamento do cachorro* e *O cavalo que defecava dinheiro*, seriam recontadas por outro escritor pernambucano, Ariano Suassuna, na peça *Auto da Compadecida*, de 1955.

Pouco tempo antes de morrer de gripe espanhola aos 52 anos, Leandro Gomes de Barros foi preso por causa de seis versos de sua obra *O punhal e a palmatória*, que foram considerados ofensivos às autoridades. Eram estes:

Nós temos cinco governos:

O primeiro o federal

O segundo o do Estado

Terceiro o municipal

O quarto a palmatória

E o quinto o velho punhal.

Leandro Gomes de Barros é o patrono da cadeira número um da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, fundada em 1988 no Rio de Janeiro. E o dia de seu nascimento, 19 de novembro, se tornou o Dia do Cordelista.

Aderaldo Ferreira de Araújo (1878-1967), conhecido como Cego Aderaldo, também foi um dos fundadores desse gênero no país. Nascido no Ceará, na cidade do Crato, descobriu que tinha talento para improvisar histórias rimadas após perder a visão em um acidente: um dia, acordou de uma noite agitada e percebeu que havia sonhado em versos. Depois que sua mãe faleceu, decidiu percorrer as cidades do interior cearense fazendo rimas de forma improvisada ou contando

algumas histórias de seu repertório. Um dos episódios que fizeram sua fama como repentista foi uma disputa feita em 1914 com o cordelista piauiense Zé Pretinho. Segundo a narrativa consagrada por Firmino Teixeira do Amaral no cordel *A peleja de Cego Aderaldo e Zé Pretinho*, o poeta cego e analfabeto teria sido o vencedor da disputa, em um desafio no qual pregou uma peça no seu adversário ao encaixar um trava-línguas no meio do poema: “Quem a paca cara compra, paca cara pagará”.

Outro importante autor de literatura de cordel foi Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), mais conhecido como Patativa do Assaré. Nascido em uma família de agricultores pobres em Assaré, no Ceará, perdeu a visão do olho direito em decorrência do sarampo e, com a morte do pai, aos 8 anos já ajudava o irmão mais velho na lavoura. Estudou poucos meses e logo passou a se apresentar em festas e feiras pelo Vale do Cariri, fazendo repentistas. Aos 20 anos, ao ouvir que sua poesia era comparável em beleza ao canto da patativa, uma ave muito conhecida no Nordeste, adotou o nome artístico de Patativa do Assaré. Foi dessa forma que passou a se apresentar na Feira do Crato.

Em uma ocasião, foi convidado a declamar seus poemas na Rádio Araripe, e foi ouvido por José Arraes de Alencar, que, assombrado com a vivacidade de seus versos, financiou a publicação de seu primeiro livro, *Inspiração nordestina*, em 1956. Em 1978, Patativa do Assaré lançou *Cante lá que eu canto cá*, pela editora Vozes, de São Paulo. Os outros dois livros que compõem sua obra completa são *Ispinho e Fulô* (São Paulo: Hedra, 1988) e *Aqui tem coisa* (São Paulo: Hedra, 1994). Nomeado por cinco vezes Doutor *Honoris Causa*, e com diversas premiações e homenagens, o poeta se apresentava como agricultor, tendo sempre morado na região do Cariri, interior do Ceará. Dono de uma memória assombrosa, era capaz de recitar qualquer um de seus poemas, mesmo após os 90 anos de idade.

De cinema a HQ

Muitos escritores e artistas foram influenciados pela literatura de cordel. Além do dramaturgo Ariano Suassuna, o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto e o escritor mineiro Guimarães Rosa apresentam em suas obras uma influência marcante da oralidade que vem desse tipo de expressão popular. O cordel também vem se mesclando a outras formas de expressão. O diretor de cinema Guel Arraes, em obras como *Lisbela e o prisioneiro* (2003) e na adaptação de *Auto da Compadecida* (2000), presta um tributo carinhoso ao gênero. Nem as histórias em quadrinhos deixaram de beber nessa fonte: o próprio Fábio Sombra é autor de um quadrinho-cordel em parceria com Mauricio de Sousa: *A peleja do violeiro Chico Bento com o rabequeiro Zé Lelé* (São Paulo: Melhoramentos, 2012).

O Pantanal em cordel

As três histórias pantaneiras criadas por Fábio Sombra depois de seu período de pesquisa na região são narradas por um violeiro contador de causos chamado Sebastião. Elas têm o formato de três contos, embora sejam escritas em versos rimados, em vez do texto em prosa. Mas a estrutura clássica do conto, com uma abertura para a contextualização do conflito e dos personagens e um desfecho rápido, está presente nas três histórias.

A trama de "O encontro do boi Carvão com o vaqueiro Zé Clemente" gira em torno de um boi muito agressivo e arre-dio, que só aceitava os cuidados da filha do fazendeiro Nonô Furtado, Luzia, que o havia alimentado quando ele era um bezerro. Quando se torna uma jovem mulher, Luzia se sente pressionada a se casar com Antenor, um pretendente rico,

filho de um fazendeiro da região, embora se sinta apaixonada pelo humilde vaqueiro Zé Clemente. Sem outra saída, promete se casar com aquele que conseguisse trazer o fugido boi Carvão preso no laço. Histórias de bois que se recusam a ser domesticados são bastante presentes na literatura de cordel, sendo *A história do boi Manhoso*, do mestre cordelista Leandro Gomes de Barros, a mais conhecida delas; mas nesta, criada por Fábio Sombra, o desfecho é surpreendente, graças a um pequeno detalhe...

A segunda história do livro, "Chico Couro e os jacarés", aborda uma questão que, durante muitas décadas, ameaçou o ecossistema pantaneiro: a caça ilegal de jacarés, para a produção de couro para bolsas e sapatos. Aqui, o repentista Sebastião relembra uma história contada por sua avó sobre o Pai da Mata, um personagem folclórico, guardião das florestas, que resolve se vingar da ganância do coureiro. O feitiço marcou para sempre a vida de Chico Couro, que, depois do susto, nunca mais mataria um único jacaré.

"O ovo do anu-preto", a terceira história pantaneira, desenrola-se em meio a uma comitiva de vaqueiros – ou seja, um grupo de homens a cavalo que escolta uma manada de bois pela estrada. Ali acontecerá uma disputa musical entre o vaidoso violeiro Vitorino e o humilde sanfoneiro Inocêncio, na qual os bichos do Pantanal serão apresentados em forma de repente. Sagrado vencedor do duelo, Inocêncio precisará enfrentar a ira do derrotado Vitorino. Só que este não esperava encontrar uma aliada de Inocêncio... do outro mundo.

Ao fim de cada história, como se estivesse diante de uma roda de espectadores, o cantador Sebastião sempre lembrará os ouvintes de que artistas populares como ele vivem do dinheiro colhido no chapéu, dado por aqueles que se sentiram satisfeitos em ouvir uma história bem contada. Ou bem cantada.

Sugestões de leitura

PATATIVA DO ASSARÉ. *Cante lá que eu canto cá*: filosofia de um trovador nordestino. 18. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

O poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, é um dos nomes mais conhecidos no âmbito da literatura popular. Publicado pela primeira vez em 1978, *Cante lá que eu canto cá* apresenta uma centena de poemas, selecionados, organizados e revisados pelo próprio autor.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Peça teatral em forma de auto, em três atos, publicada em 1955 por Suassuna. O texto mescla elementos da tradição popular oral, do cordel, da comédia e tradições religiosas. Em 1962, o renomado crítico teatral Sábato Magaldi considerou essa peça “o texto mais popular do moderno teatro brasileiro”.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. *Portal de literatura de cordel*. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://usp.br/portaldocordel/index.php>. Acesso em: 29 ago. 2022.

O portal disponibilizado pela Universidade de São Paulo oferece dados sobre coleções físicas e digitais de literatura de cordel no mundo todo. Ele tem uma ferramenta de busca que possibilita a pesquisa de obras, autores e instituições que permitem o acesso a versões digitalizadas de folhetos de cordel raros.



MODERNA

Em sua juventude, Sebastião foi um boiadeiro respeitado e cruzou a região do Pantanal de ponta a ponta, vivendo e ouvindo causos espantosos. Agora, em seus dias de velhice, ganha a vida como violeiro e contador de histórias. Este livro reúne três causos contados pelo velho peão pantaneiro. Três narrativas que nos farão viajar por um universo repleto de magia e encantamento. A primeira delas é a história de um misterioso boi preto que se recusa a ser domado. Na segunda, encontraremos um caçador de jacarés que aprende uma dura lição. Por fim, vamos conhecer o caso de um feitiço que acabou não dando certo.

Para criar estas histórias, o autor, Fábio Sombra, viajou diversas vezes ao Pantanal, num trabalho sério de pesquisa sobre o folclore e a rica cultura popular da região.



SALAMANDRA

ISBN 978-85-7568-151-0



9 788575 681510